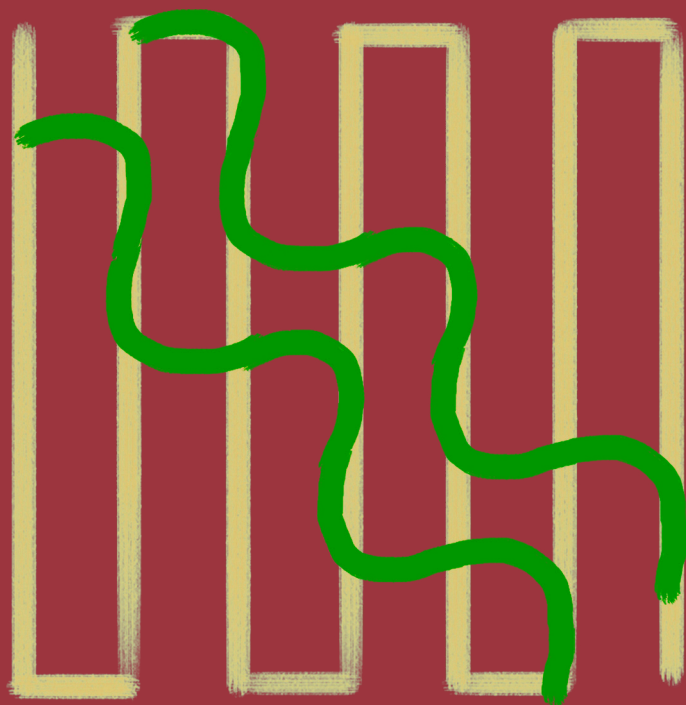


---

# Territórios culturais

fronteiras  
e tradução





**Territórios culturais, fronteiras e tradução**

# ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA

## **Gestão 2020-2021**

### **Presidente**

Gerson Roberto Neumann — UFRGS

### **Vice-Presidente**

Andrei Cunha — UFRGS

### **Primeira Secretária**

Cinara Ferreira — UFRGS

### **Segundo Secretário**

Carlos Leonardo Bonturim Antunes — UFRGS

### **Primeiro Tesoureiro**

Adauto Locatelli Taufer — UFRGS

### **Segunda Tesoureira**

Rejane Pivetta de Oliveira — UFRGS

### **Conselho Deliberativo**

#### **Membros efetivos**

Betina Rodrigues da Cunha — UFU

João Cezar de Castro Rocha — UERJ

Maria Elizabeth Mello — UFF

Maria de Fátima do Nascimento — UFPA

Rachel Esteves de Lima — UFBA

Regina Zilberman — UFRGS

Rogério da Silva Lima — UNB

Socorro Pacífico Barbosa — UFPB

#### **Membros suplentes**

Cassia Maria Bezerra do Nascimento — UFAM

Helano Jader Ribeiro — UFPB

## **Territórios culturais, fronteiras e tradução**

## Todos os direitos desta edição reservados.

Copyright © 2021 da organização:  
Andrei Cunha, Luciana Rassier  
e Andrea Kahmann.  
Copyright © 2021 dos capítulos:  
suas autoras e autores.

## Coordenação editorial

Roberto Schmitt-Prym

## Conselho editorial

Betina Rodrigues da Cunha — UFU  
João Cezar de Castro Rocha — UERJ  
Maria Elizabeth Mello — UFF  
Maria de Fátima do Nascimento — UFPA  
Rachel Esteves de Lima — UFBA  
Regina Zilberman — UFRGS  
Rogério da Silva Lima — UNB  
Socorro Pacífico Barbosa — UFPB  
Cassia Maria B. do Nascimento — UFAM  
Helano Jader Ribeiro — UFPB

BESTIÁRIO



Rua Marquês do Pombal, 788/204  
CEP 90540-000  
Porto Alegre, RS, Brasil  
Fones: (51) 3779.5784 / 99491.3223  
[www.bestiario.com.br](http://www.bestiario.com.br)

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

T327	Territórios culturais, fronteiras e tradução [recurso eletrônico] / organizado por Andrei Cunha, Luciana Rassier, Andrea Kahmann. - Porto Alegre : Class, 2021. 640 p. ; PDF ; 3,8 MB.  Inclui bibliografia e índice ISBN: 978-65-88865-78-1 (Ebook)  1. Literatura brasileira. 2. Ensaio. I. Cunha, Andrei. II. Rassier, Luciana. III. Kahmann, Andrea. IV. Título.  CDD: 869.94 CDU: 82-4(81)
2021-3520	

Elaborado por Wagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

## Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Ensaio 869.94
2. Literatura brasileira : Ensaio 82-4(81)

## Projeto gráfico

Mário Vinícius

## Capa

Mário Vinícius  
Larissa Rezende (estagiária)

## Diagramação

Larissa Rezende

## Equipe de revisão

Aline A. Duvoisin | Bruno C. Zitto | Bruno R. Gessner | Danielle F. Sibonis | Erika M. Chaves | Fernanda G. Goulart | Gabrielle M. da Silva | Geórgia O. Colombelli | Heloá B. Cintra | Iane I. Poyer | Isabella de P.G. do Carmo | Júlia C. Mendes | Laura S. Alexandre | Laura W. Gautério | Lóren C.F. Cuadros | Luíza S. de Oliveira | Mariane P. Rocha | Santiago B. Freitas | Vinícius B. de Almeida | Vinícius C. Ritter | Wanessa G. Silva

## Como citar este livro (ABNT)

CUNHA, Andrei; RASSIER, Luciana; KAHMANN, Andrea (org.). *Territórios culturais, fronteiras e tradução*. Porto Alegre: Bestiário / Class, 2021.



O presente trabalho foi realizado com o apoio do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — Brasil (CAPES), do Centro de Estudos Europeus e Alemães (CDEA) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS).

Os organizadores deste volume não se responsabilizam pelo conteúdo dos artigos ou por suas consequências legais. Os textos que compõem este volume são de responsabilidade de seus autores e não refletem necessariamente a linha programática ou ideológica da Editora Bestiário ou da Associação Brasileira de Literatura Comparada. A Associação e a Editora se abstêm de responsabilidade civil ou penal em caso de plágio ou de violação de direitos intelectuais decorrentes dos textos publicados, recaindo sobre os autores que infringirem tais regras o dever de arcar com as sanções previstas em leis ou estatutos.

## Apresentação

Andrea Kahmann<sup>1</sup>  
Andrei Cunha<sup>2</sup>  
Luciana Rassier<sup>3</sup>

Resultado dos esforços de integrantes da Associação Brasileira de Literatura Comparada — ABRALIC, a presente publicação reúne pesquisas desenvolvidas em diversos campos da literatura e em instituições de todo o país. O principal objetivo destas páginas de acesso gratuito a público amplo é disseminar a pesquisa comparatista que vem sendo realizada no Brasil, ampliando o público leitor

1. Professora dos cursos de graduação e pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), com pesquisas na área de Estudos da Tradução e traduções no par português-espanhol. Secretária da ABRAPT (Associação Brasileira de Pesquisadores em Tradução), gestão 2020–2022. Doutora em Literatura Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).
2. Vice-presidente da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC), gestão 2020–2021. Tradutor literário de japonês, com traduções publicadas de Tanizaki Jun'ichirô, Ogawa Yôko, Nagai Kafû, Inoue Yasushi, Masaoka Shiki e de poetas da Antiguidade e da Idade Média japonesa. Professor de Língua, Cultura e Literatura Japonesa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutor em Literatura Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS. Possui Mestrado em Relações Internacionais pela Universidade de Hitotsubashi (Tóquio, Japão) e graduação em Direito japonês pela mesma universidade. Prêmio da Associação Gaúcha de Escritores (AGES) e prêmio Açorianos de Literatura por Cem poemas de cem poetas: a mais querida antologia poética do Japão (categoria especial, 2020).
3. Tradutora português-francês, com traduções publicadas de Vitor Ramil e Salim Miguel, além de legendas de filmes catarinenses. Lecionou Língua, Cultura e Literatura brasileiras nas Universidades de Montpellier e de La Rochelle, na França (1994–2010). Professora Associada no Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras da Universidade Federal de Santa Catarina, onde coordena o Núcleo de Estudos Canadenses e a Graduação (Licenciatura e Bacharelado) em Francês (2020–2021). Doutora em Literatura Brasileira (UFRGS-Universidade de Montpellier) com Pós-doutorado em Literatura e Memória em Contextos Multi e Transculturais (UFRGS) e Pós-Doutorado em Literatura Comparada e Tradução (Universidade de Rennes 2, França). Membro do Núcleo Disciplinar Literatura, Imaginários, Estética e Cultura da Associação de Universidades Grupo de Montevidéu (AUGM).

e viabilizando diálogos entre colegas de pesquisas afins. Trata-se, pois, de uma iniciativa que não só visa à democratização dos debates que vêm acontecendo no âmbito da ABRALIC, mas também proporciona condições para a continuidade da pesquisa de alto nível acadêmico, mesmo neste momento de tantos retrocessos para a ciência e a pesquisa de modo geral, que atingem particularmente as Humanidades e as Letras.

A literatura — como espaço privilegiado de dialogicidade, ao retratar diferentes grupos sociais, com suas linguagens e suas crenças, ao servir também como âncora para as identidades e ao preencher lacunas da memória coletiva nas descrições de pessoas e paisagens — está intrinsecamente ligada à construção do saber, questionando projetos de mercantilização da cultura. Área que não deve ser valorada por suas funções pragmático-utilitárias, a literatura pode, no entanto, conformar um âmbito de contraposição de discursos que, embora naturalizados, desvelam-se ante o olhar treinado pela constante exposição à outreidade. A pesquisa comparatista, por expor os vínculos entre a literatura e a cultura, a política e a história das ideias, e por possibilitar a tomada de consciência com a abertura da pesquisa literária a debates acadêmicos mais amplos das ciências humanas (ALÓS, 2012), é, por excelência, o *locus* dos debates éticos, indispensáveis para o enfrentamento da presente e de todas as crises. Os trabalhos aqui incluídos buscam traçar diferentes etnocartografias de territórios literários e territorialidades, transitando pela literatura que se convencionou designar “popular” e a literatura de campo, ampliando os horizontes dos mapas e gentes deste país de dimensões continentais.

Nas malhas dos processos de criação, as temáticas memorialistas podem representar a expressão das experiências muito pessoais e biográficas de autores/as e de narradores/as — como depoimentos, viagens, carreira e cárcere — e circular em torno de relatos do vivido por um grupo — como guerras, diásporas, exílios e eventos que tenham afetado uma coletividade (ROMANELLI, 2016). Que as fronteiras entre o memorial e o ficcional se tenham esgarçado — tanto do ponto de vista da criação como do teórico — nas últimas décadas aponta para a instabilidade da ideia mesma de uma ficção literária como categoria estanque, com regras previsíveis e verificáveis, autônomas ao “resto” do sistema e no topo da hierarquia dos gêneros — como quer boa parte das histórias das literaturas. Mas,



para além dessas expressões e concepções recentes, a literatura, ainda que desvinculada de qualquer compromisso com as vivências da realidade, ao narrar o que não aconteceu mas poderia ter acontecido, gera aflição, horror, revolta, piedade ou empatia que questionam a realidade. Por essa razão, Aristóteles já afirmava ser a poesia superior à história, pois enquanto esta relata o particular, o que de fato sucedeu, aquela fala do universal, do que poderia acontecer. Assim, trazem-se à luz as tragédias antes de que aconteçam.

Nesta coletânea de artigos, mesclam-se harmonicamente memórias e ficção narradas sob as vozes dos Sertões, da Caatinga, da Amazônia, do Cerrado, dos Pampas e de muitos outros lugares, revelando a “Geopoesia.br” — espacialidades de Brasis múltiplos, feitos de gentes sertanejas, caipiras, indígenas, quilombolas, centroestinas, “do mato”, “da roça”, “da floresta”... enfim, de gente “lá de fora”, de longe dos centros e que constituem e são constituídas pelas suas paisagens e narrativas, pela palavra viva, pulsante, transformadora. Buscando evitar uma perspectiva essencializada de cultura e identidade, deseja-se rasurar o modelo epistemológico consensual que desconsidera a diferença e naturaliza relações assimétricas no âmbito do simbólico, tendo em vista que “a descolonização já não é um projeto de libertação das colônias, com vista à formação de Estados-nação independentes, mas sim o processo de descolonização e de socialização do conhecimento” (MIGNOLO, 2004, p. 668). A construção de contradiscursos apresenta a possibilidade de indagar, discutir e problematizar elementos discursivos que nem sempre aparecem na superfície dos textos, mas que dominam ou determinam internamente as concepções que formam pontos de vista fundamentais sobre a cultura.

Dentre os desafios que a contemporaneidade impõe aos estudos literários, um dos mais difíceis é o de lidar com a produção periférica. O conceito de periferia pode se referir à maioria dos países das Américas, países com produção literária de pouco reconhecimento dentro de um cânone literário pretensamente universal. Para além do ponto de vista nacional, “periferia” também se refere à literatura das minorias, como a da comunidade negra, gay, e mesmo de mulheres, tendo em vista que em países como o Brasil sua produção é minoritária dentro do campo literário. Algumas trajetórias estéticas, do ponto de vista tradicionalista, podem ser consideradas ainda mais periféricas, como as artes feitas por indígenas das Américas,

oriundas em grande parte da modalidade oral, e tantas outras manifestações do literário em mídias e vozes tradicionalmente silenciadas e apagadas.

Assim, esta coletânea, organizada a partir de trabalhos apresentados em um evento ocorrido em formato inteiramente remoto em decorrência da pandemia que assolou o mundo no ano de 2020, é denúncia e esperança no porvir como só a literatura e as reflexões sobre ela são capazes de evocar. Teorizando a partir de falares, causos e lendas, gentes, invencionices e relatos, lugares de fortes marcas culturais e não-lugares pós-modernos, fronteiras políticas, culturais e simbólicas, a pesquisa comparatista aqui inclusa é testemunho para a posteridade das preocupações sociais em tempos de distanciamento físico. É, mais que tudo, um convite à reflexão em meio à crise, à valorização da solidariedade e da tolerância em tempos de naturalização do sofrimento — um clamor para que nos percebamos, finalmente, como sociedade multicultural e interconectada, a demandar a inclusão de todas as pessoas, suas formas de narrar o mundo, os tempos, os lugares, os sonhos.

## Referências

- ALÓS, Anselmo Peres. Literatura Comparada ontem e hoje: campo epistemológico de ansiedades e incertezas. Porto Alegre, *Organon* (UFRGS), v. 27 (52), p. 17–42, 2012.
- ARISTÓTELES. Poética. In: ARISTÓTELES. *Poética, Organon, Política, Constituição de Atenas*. [Sem tradutor indicado]. São Paulo: Nova Cultural, 1999. p. 33–75.
- MIGNOLO, Walter. Os esplendores e as misérias da “ciência”: colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluriversalidade epistêmicas. In: SANTOS, Boaventura Sousa (org.). *Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado*. São Paulo: Cortez, 2004, p. 664–710.
- ROMANELLI, Sergio (org.). *Processo de criação em literatura e tradução literária e intersemiótica*. Vinhedo: Horizonte, 2016.